

## Resenha

Raquel Illescas Bueno\*

*Pensamento e “lirismo puro” na poesia de Cecília Meireles*, de Leila V. B. Gouvêa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. Ensaios de Cultura, 34. (248 p.)

Valeu a pena a tarefa que Leila Gouvêa se impôs com vistas ao enriquecimento da compreensão da obra literária de Cecília Meireles. Em suas palavras, tratou-se de dar conta da “ambição de recortar o trabalho analítico *a partir de um olhar de conjunto sobre essa vasta obra*” (GOUVÊA, 2008, p.15). Sua tese de Doutorado, agora publicada pela Editora da Universidade de São Paulo, cumpre o objetivo declarado, e assim permite que o leitor conheça diversas fases e faces da produção literária dessa importante poeta brasileira.

Desse vasto conjunto fazem parte, além dos poemas, também a obra em prosa, publicada ou não. Conferências proferidas e aulas anotadas por alunos, crônicas e cartas, tudo converge na tese de Leila Gouvêa para o esclarecimento das questões que constituíram o fio de sua argumentação crítica. Quando as indagações propostas pela ensaísta, de tão refinadas, tendem a não ter resposta, esses textos vão se aproximando dialogicamente, envolvendo o leitor passo a passo. Em outras palavras: se a poesia de Cecília Meireles contém uma porção de enigmas, que eles sejam identificados como tais, mas em linguagem precisa, capaz de formulá-los à maneira drummondiana: como “claros enigmas”. O ponto de partida da empreitada foi o reconhecimento da necessidade de se ampliar uma fortuna crítica que, mais de 40 anos após a morte de Cecília, segue sendo relativamente escassa.

O trabalho detém-se na investigação sobre o lugar ocupado por Cecília na trajetória da poesia moderna e modernista. Para tanto, não basta levantar as diferenças evidentes entre o “puro lirismo” ceciliano e as poéticas mais ligadas ao “sensível”, que com a dela compartilharam um momento

---

\* Professora Doutora em literatura Brasileira da Universidade Federal do Paraná. raquel.illescas@yahoo.com.br

privilegiado da produção lírica brasileira. Refiro-me às trajetórias de Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima. “Lirismo puro”, “sensível” – bem como “pensamento” – foram elevados no texto a categorias analíticas que a ensaísta define e das quais se serve ao longo de todo o trabalho.

É certo e sabido que a poesia de Cecília Meireles se afastou do “sensível” (referenciais de concretude e de momento histórico). Como e por quê se constituiu tal afastamento? Qual simbolismo permeia a obra de Cecília? Qual classicismo? Qual orientalismo? Qual orfismo? Para responder e matizar essas importantes indagações acerca do lugar da poesia de Cecília num panorama que ultrapassa largamente os “ismos” do início do século 20, Leila Gouvêa não se restringe às relações com a lírica lusitana e com a visada mística de tradição oriental. Detém-se também em aproximações com a poesia da “Geração de 27” espanhola (García Lorca, Rafael Alberti e outros) e, mais atrás, com os românticos ingleses (Keats, Shelley), os barrocos, a antiguidade clássica. E – importante – em nenhum momento a ensaísta deixa de relacionar as técnicas e os procedimentos poéticos à visão de mundo que a eles recorreu para fazer-se lirismo.

Veja-se um exemplo entre tantos:

As informações são escassas, porém parece lícito supor que a origem do platonismo de Cecília Meireles estará na escola metafísica do período clássico e barroco que tanto herdou de Petrarca – embora praticamente não se encontre o tema do amor platônico na poeta brasileira. Em espanhóis do “século de ouro”, como Quevedo e o humanista Frei Luis de León – a quem ela se refere com admiração na crônica “Figuras da Paisagem”, e de quem talvez tenha herdado aquelas insólitas imagens do “coração de aço” e do “coração de pedra” [...] ainda em John Donne e Ben Jonson e também Camões, de quem particularmente admirava as redondilhas platônicas [...] Autores que também cultivaram temas órfico-platônicos como o da alma exilada na terra e o da vida terrena como prisão escura, recorrentes na lírica da escritora. (GOUVÊA, 2008, p. 119-120).

Perceba-se nesse fragmento, além da erudição, a capacidade de transitar entre as diferentes modalidades da expressão de Cecília Meireles, sem pretender ser categórico acerca das influências.

Mas talvez a mais importante contribuição desse oportuno ensaio sejam as detidas análises de cinco poemas. Renova-se com Leila Gouvêa a benfazeja tradição uspiana de, na dúvida quanto aos sentidos possíveis, ir ao texto literário analisado, sempre ao texto e mais uma vez ao texto. A tese, afinal, foi orientada por Alcides Villaça e teve João Adolfo Hansen dentre os arguidores; além do que, dois interlocutores da pesquisadora chamam-se Alfredo Bosi e Davi Arrigucci Júnior. Nessa trilha, de atenção às minúcias textuais, acompanhada pela problematização verticalizada da compreensão interpretativa, lembremos as análises de poemas reunidas nos livros *Humildade, paixão e morte – a poesia de Manuel Bandeira* (ARRIGUCCI JR., Davi; Companhia das Letras, 1990) e *Passos de Drummond* (VILLAÇA, Alcides; Cosac Naify, 2006). Ao que parece, essas análises serviram não de modelo, mas de inspiração crítica para o enfrentamento dos seguintes poemas de Cecília Meireles: “Por Baixo dos Largos Fícus”, “Improviso para Norman Fraser”, “Reinvenção”, “Memória” e “Lamento do Oficial por Seu Cavalito Morto”. Em torno das análises, movimenta-se a percepção de continuidades e rupturas, acrescida do largo aproveitamento do legado de outros críticos da obra de Cecília, sobretudo o de Mário de Andrade e o de Otto Maria Carpeaux. Do primeiro, vários textos de crítica literária são referidos, com ênfase para as ideias expostas no *Prefácio Interessantíssimo à Pauliceia desvairada* e no ensaio *A escrava que não é Isaura*, no qual Leila Gouvêa buscou a expressão “lirismo puro”, que aparece já no título da tese.

Na enumeração seguinte, vislumbra-se o que, para a ensaísta, distingue a poética ceciliana:

Inquietação metafísica, beleza formal, anseio de “perfeição”, reflexão incessante sobre a condição humana e o destino do homem, aspiração ao absoluto e ao sublime, memória do mito e dos arquétipos, insurgência contra o desencantamento do mundo e a miséria simbólica da sociedade da mercadoria. (GOUVÊA, 2008, p. 218).

Da análise da trajetória completa de Cecília resultou uma parte final do livro ora resenhado, que propõe uma antologia dos poemas mais significativos da autora e que pode servir de porta de entrada para o leitor que se inicia nessa trajetória lírica.

Se as análises merecem algum senão, reservo-a à tentativa de relacionar som e sentidos, que por vezes soa forçada, como na relação entre a pontuação acelerada e o ritmo cardíaco de um cavalo, em “Lamento do Oficial por seu

Cavalo Morto”. O mesmo ocorre ao se levantar a hipótese de que a aliteração em “p”, no “Improviso para Norman Fraser”, representa o “retinir dos talheres” mencionados no poema, “ressoando o corte do peixe pelo ‘gume da faca’”. No prefácio, Arrigucci Jr. alerta para o “tom reivindicatório e apologético” que atravessa a argumentação de Leila Gouvêa. Não é caso de se discordar dessa percepção, sobretudo quando se verificam a proliferação do adjetivo “extraordinário” ao longo do texto e as várias citações que são verdadeiras apologias. Penso, por exemplo, no elogio que Manuel Bandeira permitiu-se fazer num texto de jornal publicado por ocasião da morte de Cecília: “Foi o maior artista do verso em língua portuguesa e não foi superada por nenhum artista do verso.” (GOUVÊA, 2008, p. 197 e nota 67). Talvez Cecília possa mesmo ser assim considerada, porém alguma economia desse tipo de citação, laudatória antes de ser crítica, estaria mais de acordo com o grande esforço analítico demonstrado pela autora da tese.

Quanto à primeira restrição – a discordância quanto às relações estabelecidas entre som e sentido – não é mais que um detalhe em meio a análises muito acertadas. Quanto à segunda, que permeia todo o ensaio, vale dizer que em vários momentos Leila Gouvêa soube apontar os limites da poesia de Cecília Meireles. Limites que – como nos mostra o ensaio – nada tiveram que ver com o muitas vezes referido alheamento da poeta em relação às questões políticas e ideológicas de seu tempo. Como Valéria Lamego já mostrara ao analisar a participação da poeta na Revolução de 30 (*A farpa na lira*; Record, 1996) e como a publicação da obra em prosa evidencia, Cecília Meireles foi à transcendência sem nunca se afastar de certa ética, constante em sua vida e em sua obra. Nas palavras de Leila Gouvêa, convicções éticas e qualidades pessoais da autora de *Viagem*, tais como “[...] coragem, temperança, paciência, modéstia, concórdia com os próximos, ‘alta serenidade’, busca incessante de conhecimento e de aperfeiçoamento - , [...] contribuíram para desenhar a arquitetura formal de sua obra” GOUVÊA, 2008, p. 116. Dessa arquitetura formal, o leitor de *Pensamento e “lirismo puro” na poesia de Cecília Meireles* saberá bastante. Das mencionadas características de personalidade intelectual, também, seja no que diz respeito a Cecília, seja no que toca à própria autora da tese.